

Desenvolvido pela DIMA e Blackwin, com apoio do ICE e da ANDE, relatório **inédito** aponta potencial de gestoras de venture capital para alocação estratégica

A indústria de capital privado controla mais de [US\\$ 98 trilhões em ativos sob gestão](#) (AUM) globalmente. Nos últimos anos, o mercado de venture capital cresceu de modo significativo na América Latina e o Brasil tem sido expoente neste cenário. Em 2021, **as startups brasileiras receberam 75% do capital de risco na região**.

No entanto, a **alocação deste capital ainda é pouco diversa em termos do perfil de quem recebe investimentos**. Mesmo em mercados que atuam com a dimensão socioeconômica nos investimentos, de acordo com pesquisa da ANDE, **58% dos atores do ecossistema** de investimento de impacto brasileiro **não têm políticas de equidade de gênero ou racial** no processo de escolha das investidas. A **gestão inteligente de portfólios** com uma lente de diversidade, equidade, inclusão e pertencimento tem potencial de **mitigar profundos desafios socioeconômicos**, segundo especialistas.

Pensando em mitigar esse gap e **orientar instituições financeiras e gestoras de investimentos nesta jornada** de alocação e gestão de seus ativos, a Black Women Investment Network (**Blackwin**) e a Development Impact Manager & Advisor (**Dima**), com apoio do Instituto de Cidadania Empresarial (**ICE**) e a Aspen Network of Development Entrepreneurs (**ANDE**), lançam a publicação [“Estratégia de Investimento Inteligente em Diversidade para Instituições e Gestoras de Investimento”](#).

O guia é uma chamada para a ação e um **guia para que instituições financeiras** avancem iniciativas pragmáticas que **fomentam diversidade e equidade na gestão de seus portfólios**, explica **Jéssica Silva Rios**, uma das autoras da cartilha, co-fundadora da Blackwin, primeira rede de investidoras anjo formada por mulheres negras no Brasil.

“Este estudo mapeou as **principais referências globais** em estratégias de investimento inteligente em diversidade. E reúne **ferramentas para serem adotadas por investidores**, além de propor reflexões para estimular o compromisso contínuo dos gestores” afirma a executiva.

Junto com Jéssica, participam também da autoria da publicação **Luana Ozemela**, fundadora da DIMA e vice-presidente de impacto social do iFood, e **Alex Martins**, co-fundadora da The Equity Index. A construção do material contou com um processo de escuta e contribuição das gestoras de capital de risco **Positive Ventures, Potencia Ventures e Ya Ventures**. O guia está disponível para download gratuito [no site do ICE](#).

Falta de diversidade no mercado financeiro

Apenas 8% das gestoras de venture capital e private equity na América Latina têm uma mulher na liderança. Globalmente, a International Finance Corporation analisa que fundos de investimentos que possuem equipes de gestão formadas por pessoas diversas obtêm 10-20% **maiores taxas internas de retorno** (TIR) em comparação com fundos geridos por equipes homogêneas, mas **apenas 1,4% dos US\$ 82 trilhões de ativos com base nos Estados Unidos são geridos por mulheres ou pessoas negras**. Relatório da McKinsey (2018) também aponta que o aumento da diversidade traz melhores retornos para os negócios.

“O destino da alocação de capital é bastante influenciado pelo **olhar de quem analisa** as oportunidades de investimento. E a **lacuna de acesso** ao capital alimenta a lacuna de riqueza entre as mulheres, as pessoas não brancas e outras pessoas com marcadores sociais não hegemônicos. As desigualdades existentes no acesso a capital são resultados de **decisões sistêmicas de longa data com consequências suportadas ao longo dos séculos**”, analisa Silva Rios.

O financiamento global de capital de risco para mulheres fundadoras [caiu de 2,9% para 2,3% em 2020](#) e mulheres negras recebem menos de 0,35% de todo o financiamento de capital de risco. No cenário brasileiro, startups fundadas apenas por mulheres [representam menos que 5% do mercado total](#) e esse % permanece no mesmo patamar há 10 anos. **Do total de startups fundadas por mulheres, apenas 19,1% das fundadoras são mulheres negras.** Jéssica ressalta a importância do estudo como ferramenta para contribuir para a mudança desta realidade.

“Já é sabido e bastante reconhecido que o ecossistema de investimento privado é capaz de **alavancar soluções para problemas reais país**. Mas ainda é necessário reconhecer que no nosso contexto, as desigualdades no Brasil estão intrinsecamente envolvidas com raça e gênero. E para contribuir com a redução dessas disparidades, precisamos trazer essa lente para a gestão dos portfólios e falar sobre aspectos de interseccionalidade”, afirma Silva Rios.

O documento propõe uma abordagem com 3 pilares que contribuem ativamente para o **desenvolvimento de uma lente de investimento inteligente em diversidade**, atualização da estrutura **interna, especialmente o que tange a diversidade e composição dos times e profissionais que participam da tomada de decisão e a seleção de negócios**. Além disso, também destaca a necessidade de **oferta de diferentes tipos de capital** para atender as demandas dos negócios fundados por pessoas de grupos diversos. E finaliza a tríade com mergulho no **processo de investimento**, reconhecendo e propondo ações que integre uma lente de diversidade em suas várias etapas.

Na visão da executiva, os tomadores de decisão da indústria de capital privado ainda são pouco diversos, e suas práticas carecem de **intencionalidade e ação pragmática para que seus portfólios contribuam para equidade social**.

“A **redução das desigualdades** é parte integrante e crucial da agenda 2030, acreditamos que é necessário influenciar o papel do dinheiro em combater as desigualdades e isso passa por adotar um olhar crítico sobre qual o perfil socioeconômico de quem está por detrás dos negócios que **terão chance de prosperar suas ideias e soluções**, como são as equipes das gestoras e quem define as alocações e qual o papel dos instrumentos financeiros para acolher a pluralidade desses negócios que podem contribuir para soluções de problemas sociais e ambientais que assolam a atualidade”, analisa **Jéssica Silva Rios**.

Beto Scretas, consultor sênior de investimento de impacto do **ICE**, organização financiadora do estudo, em parceria com a **ANDE**, analisa que a publicação consiste em um guia prático para o engajamento estratégico das organizações do setor.

“Este material é inovador e inédito no Brasil. Inclui conceitos delineados sobre a incorporação de práticas de estratégias EDIP na alocação e gestão dos recursos, mas também traz um olhar para dentro dessas organizações. Este trabalho constrói um mapa de uma jornada para colocar em prática essa mudança”, explica o executivo.

Criando pontes para a mudança de paradigma

Desde 2012, o ICE é um ator importante no fortalecimento do ecossistema de investimento de impacto no Brasil, apoiando especialmente a jornada de empreendedores e investidores deste nicho. Segundo Beto Scretas, promover a discussão e oferecer ferramentas que facilitem a mudança de paradigma no ecossistema é essencial.

“Ao longo da nossa atuação constatamos que era incipiente entre esses atores o desenvolvimento e a execução de estratégias consistentes para

a atuação em temas relacionados a equidade, diversidade. Sendo assim, buscamos conectar organizações que pudessem não só instrumentalizar esses profissionais, mas também colocá-los em contato para trabalhar juntos”, destaca **Beto**.

Legismap Roncarati

Guia orienta investidores na construção e gestão de portfólios com lente estratégica para diversidade, equidade e inclusão

Fonte: ICI, em 24.10.2023.